

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

**PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM DIÁLOGO  
ACERCA DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO<sup>1</sup>  
FIRST TEACHER PRACTICE IN SCIENCE TEACHING: REPORT OF A  
SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP**

**Samara Neis Schein<sup>2</sup>, Joice Back<sup>3</sup>, Judite Scherer Wenzel<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> RELATO DE EXPERIÊNCIA

<sup>2</sup> Bolsista Residência Pedagógica, CAPES, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Cerro Largo. (samara.schein@hotmail.com)

<sup>3</sup> Bolsista Residência Pedagógica, CAPES, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Cerro Largo. (joiback@hotmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Educação nas Ciências, professora da UFFS, integrante do GEPECIEM, professora titular do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC) da UFFS Campus Cerro Largo (juditescherer@uffs.edu.br).

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um relato das primeiras experiências vivenciadas como professoras. Tal prática foi vivenciada com estudantes do 7º ano de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental situada no município de Cerro Largo. A atividade foi proporcionada pelo Estágio Curricular Supervisionado III: Ciências do Ensino Fundamental do Curso de Ciências Biológicas e que foi desenvolvido junto ao programa Residência Pedagógica. Tal programa busca exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática e induzir a reformulação do estágio supervisionado, na qual, como licenciandas, temos o primeiro contato com a realidade da sala de aula.

A prática do Estágio Curricular Supervisionado é o momento de desenvolver de fato a prática pedagógica por nós professores em formação inicial. É quando nos é possibilitado um efetivo contato com a comunidade escolar e a experiência da docência em sala de aula. É nesse espaço que se instala a interação entre os diferentes conhecimentos apreendidos durante a nossa formação, sejam eles de cunho científicos, da experiência e pedagógico. Pimenta (2005) fala que o saber pedagógico é aquele que o professor constrói no seu trabalho que possibilita-o interagir com seus alunos no contexto que ele atua. E segundo Tardif (2002) os saberes são construídos por um processo longo, em que o professor aprende continuamente e vai qualificando-os em seu trabalho. O mesmo autor, também destaca que os saberes são variados e heterogêneos, ou seja, os saberes docentes constituem uma pluralidade e, em seu texto destaca a importância da experiência.

No decorrer do estágio e toda a vivência no Programa Residência Pedagógica nos possibilitou um contato com a escola e isso qualifica a relação teoria e prática. Isso auxilia o processo pedagógico e supera, o que costumeiramente escutamos: “na prática a teoria é diferente”. Ressaltamos que Nóvoa (2007) aponta que na formação do professor existe um déficit de práticas, de momentos de

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

reflexão e de um conhecimento acerca da realidade escolar. Muitos professores vêm cheios de teorias com vontade de fazer diferente mas, não sabem, de acordo com o autor (2007), transformar e/ou qualificar a sua prática com esse olhar teórico pois não reconhecem a prática como campo de construção de saber. Por isso, acreditamos na necessidade de um diálogo permanente teórico e prático e a nossa inserção no contexto escolar num movimento orientado consistiu numa oportunidade para isso. Daí destacamos as experiências vivenciadas junto ao Programa Residência Pedagógica que nos permite essa interlocução.

Freire (1991 p. 71) afirma que “ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde [...] Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”. Assim, compreendemos que o contato com a sala de aula apesar de ser desafiador, é algo necessário para a nossa formação e constituição de professores. E foi acreditando na necessidade de olhar para a prática vivenciada no Estágio Curricular que lançamos o desafio de escrever sobre as ações num movimento crítico-reflexivo. Seguem descritas algumas das atividades desenvolvidas.

#### METODOLOGIAS E AÇÕES DESENVOLVIDAS NAS AULAS

Nosso primeiro contato com a escola foi através de observação. Na observação inicialmente focamos o âmbito escolar como um todo, reconhecemos o espaço e os profissionais envolvidos. Identificamos qual a metodologia aplicada em sala de aula, bem como a dinâmica de aula, as regras dos horários estabelecidos, os materiais e, ainda identificar os espaços que a escola disponibiliza. Olhar e perceber as interações existentes entre professores, alunos, direção, para assim, podermos nos identificar como professoras e tornar a nossa prática mais atraente e de acordo com a realidade do contexto escolar. Após esse primeiro contato, elaboramos um plano de aula, destacamos que tal prática foi sempre de forma colaborativa com o professor formador e o professor da escola. Realizamos todo nosso planejamento com a provável data de início e término do estágio de docência, os conteúdos que seriam abordados e a forma de avaliação, para uma melhor organização das ideias e facilitar o desenvolvimento das atividades e exercer um excelente trabalho. De acordo com Leite e Radetzke (2017, p.149) “planejar as ações a serem realizadas em sala de aula não é apenas uma necessidade do trabalho do professor corresponde a uma organização intencional do que será realizado em sala de aula.”

Assim que o plano de aula foi aprovado pela professora formadora, iniciamos nosso estágio de docência com uma turma do sétimo ano do ensino fundamental. Ansiosas e nervosas, iniciamos o estágio, sem ter experiência de atuar como professoras numa sala de aula. Ao entrar na sala de aula, sentimos aquele friozinho na barriga, um suor nas mãos, certo medo do desconhecido, sem conhecer nossos alunos e nem saber como eles iriam reagir com a nossa presença.

A professora regente da turma entrou conosco na sala de aula e nos apresentou para a turma e falou que “a partir de hoje essas serão as professoras”. Então nós nos apresentamos e iniciamos com uma dinâmica “Stop do nome” para uma melhor interação entre os alunos. Após isso, iniciamos nossas aulas, usando diferentes métodos e instrumentos de ensino, para que possam

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

atender os objetivos de ensino e aprendizagem, com uso de slides, resumos impressos e descrições no quadro. Nérice (1987) fala que os métodos de ensino são um conjunto de procedimentos ordenados, utilizados pelo professor para elaborar conhecimentos, técnicas e habilidades, esse conjunto de métodos são utilizados com o intuito de alcançar objetivos do ensino e de aprendizagem, com a máxima eficácia e, por sua vez, obter o máximo de rendimento. Na concepção de Veiga (2006), o professor não pode mais ser aquele que tem uma didática definida com papel de apenas ensinar o conteúdo, ele deve assumir seu papel de mentor e facilitador, deve priorizar e intermediar o acesso do aluno à informação. Com isso, suas técnicas devem ser aprimoradas constantemente e seus métodos e metodologias de ensino, conseqüentemente, atender às necessidades que vão surgindo.

Iniciamos com o conteúdo de vírus, abordando o que é um vírus, suas principais características, sua estrutura, reprodução viral e as doenças causadas por vírus. Como trabalho, os alunos elaboraram um modelo de vírus, com suas estruturas, que foi uma atividade que os alunos gostaram, pois saíram do ensino apenas tradicional. Quando terminamos o conteúdo de vírus, entregamos e corrigimos alguns exercícios e aplicamos uma avaliação, na qual a maioria tirou acima da média, e ficamos contentes pois isso mostrou que conseguimos atingir os nossos objetivos. De acordo com Silva (2017) a avaliação tem como papel criar condições para que sejam obtidos resultados daquilo que se deseja alcançar, que é a qualidade do aprendizado do aluno. É preciso dar oportunidade para que o educando possa mostrar sua maneira peculiar de aprender e somar isso a suas experiências extraescolares. Em seguida, iniciamos com bactérias, explicando o que é uma bactéria, suas características, estrutura, funções, morfologia, reprodução, importância, bactérias benéficas para o organismo e as doenças causadas. Houve muita dificuldade dos alunos, pois eles ainda confundiam bactérias com vírus. Também fizemos uma aula prática sobre o cultivo de bactérias, que não foi muito aprovado, pois os alunos fizeram muita bagunça, não ouviam a explicação e mexeram onde não deviam. De acordo com Tardif (2002, p.237), “as atividades práticas permitem aprendizagens que a aula teórica, apenas, não permite, sendo compromisso

do professor, e também da escola, dar esta oportunidade para a formação do aluno”. Compreendemos então que, de acordo com a necessidade do planejamento realizado pelo professor, a realização de atividades práticas se faz necessária para a efetiva aprendizagem do aluno, porém apontamos, que talvez tenha nos faltado destreza, conhecimentos da experiência, para conduzirmos a prática. Finalizado o conteúdo entregamos aos alunos alguns exercícios como forma de avaliação. Na sequência abordamos os protozoários, tratando de suas principais características, formas, e as doenças causadas por eles. E como exercício de fixação entregamos umas atividades. Logo após, começamos as algas, com suas principais características, importância econômica e ecológica. Como atividade avaliativa, houve uma apresentação em grupos dos principais grupos de algas. E, para finalizar, realizamos outras avaliação sobre bactérias, protozoários e algas, porém ficamos muito decepcionadas pois a maior parte da turma não atingiu a média (nota necessária) e isso nos fez pensar que, como professoras, não atingimos os nossos objetivos. Como os alunos não se apropriaram do conteúdo? O que faltou? Esses questionamentos nos fizeram refletir mais acerca da docência, do que é ensinar, enfim, desafios constantes do dia a dia do professor.

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

No último dia ainda explicamos sobre as mulheres na ciência, na qual os alunos desenharam algum cientista e a grande maioria desenhou um cientista homem ou em um laboratório, isso já era esperado por nós, então falamos sobre algumas mulheres cientistas que fizeram estudos e descobertas importantes para a história. E fizemos uma pequena confraternização com os alunos e a professora regente. Seguem agora alguns diálogos, impressões que ficam da prática vivenciada.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num primeiro momento destacamos que a prática do estágio foi muito importante para adquirirmos experiência, colocar em prática alguns dos conhecimentos que construímos durante a nossa formação, conhecer mais de perto a realidade escolar, trocar experiências, além de oportunizar aos alunos diferentes metodologias de ensino e possibilitar um crescimento profissional e significativo, pois não pensávamos que era tão difícil ensinar!

Assim, podemos afirmar a que ao finalizar o estágio, percebemos o quão difícil é dar aula. É desafiador. São horas de preparação, estudo, dedicação. A relação dos docentes com os saberes não é restrita a transmissão de conhecimentos e sim a prática docente que integra diferentes saberes (TARDIF, 2002). Foram muitos minutos tentando acalmar a turma, tentando manter a postura de professor, tentando não “surtar” ou “fugir” da sala de aula deixando tudo para trás. Não foi fácil ouvir piadinhas dos alunos por sermos estagiárias, mas sempre voltávamos para a sala de aula, ainda não conseguimos descobrir se foi por obrigação do estágio, pelo incentivo recorrente das professoras formadoras ou, por amor à profissão. Mas todos esses desafios foram recompensados ao percebermos o entusiasmo e o aprender de alguns alunos, quando a turma participava ou seja, nem sempre as aulas foram difíceis.

Talvez em algumas aulas não tivemos êxito por ainda não termos de fato, a construção da docência, a necessária compreensão acerca do que seja dar aula, de ainda não termos o real domínio dos diferentes saberes necessários para a prática docente. E isso retrata a importância do coletivo, das interações, das escritas reflexivas na e sobre a prática pois foi esse acompanhamento essa preocupação que nos permitiu olhar com mais criticidade sobre a nossa prática. Lessard e Gauthier (2001), com base em Tardif, apontam que a atividade profissional se apoia num conjunto de conhecimentos e os autores consideram os professores como práticos reflexivos, e ainda, com eles apontamos que o professor ao perceber a prática como um lugar de formação e de produção de saberes pode qualificar o seu fazer pedagógico. E foi justamente isso que buscamos fazer pela escrita crítico reflexiva realizada, pelos apontamentos após cada intervenção em sala de aula. E por fim, indicamos a importância da valorização do trabalho do professor, da compreensão da produção de saberes de uma sala de aula e da necessidade de um maior compromisso também dos estudantes ao estarem numa sala de aula.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a vivência na sala de aula foi um momento único, de grandes aprendizados apesar de todas as dificuldades e desafios encontrados durante a nossa prática. A experiências

**Evento:** XXVII Seminário de Iniciação Científica

vivenciada nesse processo serviu para um grande crescimento pessoal como profissional e um amadurecimento como professoras em formação. A importância do estágio está ligada à necessidade de proporcionar aos licenciandos oportunidades para relacionar a teoria e prática com a realidade do cotidiano escolar, em que as experiências vividas em sala de aula e no ambiente escolar servirão para uma reflexão sobre a teoria e a prática, visando avaliar essa prática já que o Programa Residência Pedagógica nos trouxe uma maior formação acadêmica, como participação em cursos e palestras de formação, leituras, além do desenvolvimento da escrita em diários de bordo que nos faz refletir sobre nossa prática docente e uma grande experiência em sala de aula e convívio mais próximos com colegas, professores e formadores.

Isso tudo nos permitiu a construção de uma visão mais ampla e transparente da formação como futuras professoras de Ciências Biológicas nos despertaram reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem. Isto pode ser um indicativo de que, ao final do curso, nós assumiremos uma postura docente mais comprometida com a educação escolar em ciências que não estava presente no início das atividades do estágio e do Residência Pedagógica.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação na cidade. São Paulo, Cortez Editora, 1991.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 19, jan/fev/mar/abr. 2002.

LEITE, Fabiane de Andrade; RADETZKE, Franciele Siqueira. Prepara, chegou a hora de ser

professora!. HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 146-158, ago. 2017. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/7501>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

NÉRICE, I. G. Didática geral dinâmica. 10 ed., São Paulo: Atlas, 1987.

NÓVOA, A. Desafios do professor no mundo contemporâneo. São Paulo. Sinpro, 2007

PIMENTA, S.G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; GAUTHIER, C. Formação dos professores e contextos sociais. Formação dos professores e contextos sociais Porto: Rés, 2001.

VEIGA, I. P. A. Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações. Papirus Editora, 2006.